

Entrevista

Arquitetura e Patrimônio Cultural

### **Marcos Moraes de Sá - Arquiteto**

1. Que identidade a arquitetura estabelece entre o Patrimônio Cultural e o indivíduo que o ocupa?

A arquitetura cria as imagens da cidade, dos locais onde o homem habita, trabalha, estuda enfim, onde ele vive e atua. A arquitetura também cria signos e símbolos através dessas imagens.

Hoje, cada vez mais a sociedade está imersa num universo gigantesco de imagens, quase todas voláteis, passageiras. A arquitetura atual procura ser icônica para "melhor competir" com essas imagens não arquitetônicas. Contudo a sua mensagem é "muda" é subliminar. Poucos a olham com um olhar mais crítico ou poético, mais questionador, mas independentemente disso a mensagem que a arquitetura passa está lá, no espaço, no lugar, presente e atuante. Mesmo sem uso, mesmo abandonada, a arquitetura "fala". Queiramos ou não somos moldados pelos espaços arquitetônicos que, por sua vez são moldados pela cultura e pela sociedade. As verdadeiras obras-primas arquitetônicas atuam simultaneamente traduzindo essa cultura, evidenciando sua essência, mas também criando uma ruptura, caracterizando-se como um elemento de vitalidade e de renovação, de questionamento, mas principalmente de identidade.

O patrimônio Cultural edificado normalmente é preservado por ser um elemento histórico, mas também por ser uma obra-prima. Independentemente do espaço deste edifício ser ocupado ou não, a identidade existe e a questão mais importante é a percepção. Pela falta de uma educação do olhar, a identidade acaba sendo apenas subliminar, não consciente. É preciso, pois exercitar o olhar, aprender a associar, a relacionar, a comparar. Nossa sociedade não tem um instrumental para tal: não há crítica de arquitetura na mídia, seja impressa ou audiovisual, ninguém explica porque uma arquitetura é boa e porque uma outra é ruim, o que faz uma arquitetura ser considerada de qualidade. Assim a preservação é sempre uma questão secundária ou desconexa. Quem não entende não preserva ou então preserva errado. Outra questão importante e arraigada culturalmente é que damos muita importância a construir e muito pouca importância à manutenção. A "cultura" da falta de manutenção ou conservação está disseminada em toda a sociedade e especialmente em relação à "coisa pública". Sem manutenção, sem "sustentabilidade" não há preservação. É "fácil" construir, é uma ação que tem início, meio e fim. Para manter é necessário uma ação

contínua, precisa de um planejamento a longo prazo, sistemático. Precisamos de uma mudança estrutural na nossa sociedade nesse sentido.

2. Quando o acervo de um Museu ou de uma Biblioteca é transferido para uma sala, existe perda referencial do espaço?

Com certeza. O espaço do museu cria um sentido de identidade entre o acervo e o ambiente no qual ele está disposto. Por isso existem o projeto arquitetônico e o projeto museográfico. O problema não está na transferência em si de um acervo, mas no "como" e no "porquê" transferir. Pode-se ter um espaço novo adequado para abrigar melhor um acervo. A questão é que na maioria das vezes o acervo é visto como uma herança "não solicitada" que somos "obrigados" a manter. Se mudar esta visão, muda o tratamento dado ao acervo. Mais uma vez estamos lidando com a questão da manutenção, da continuidade administrativa, da visão de permanência, de continuidade... Manter é preservar. Só quando formos capazes de manter, no sentido de manutenção sistemática, seremos capazes de preservar adequadamente.

3. O que define as paredes de uma construção? Que orientação simbólica traduzem?

No passado, as paredes definiam um elemento estrutural pois suportavam parte da carga dos pisos e das coberturas dos edifícios. Com a arquitetura moderna e o surgimento da estrutura independente (de concreto ou aço) as paredes passaram a ter um sentido apenas de vedação. Elas ganharam um novo papel, puderam se contorcer, se libertar, ganhar leveza, transparência. Contudo elas continuam a ser um dos principais elementos definidores do espaço arquitetônico. O espaço construído ganhou novas expressões, novas complexidades, novas possibilidades, mas as paredes ainda continuam a ser a "memória" do espaço.

4. O que a humanidade perde quando um prédio histórico ou uma identidade cultural deixa de existir?

Perde uma referência. Responderia a essa pergunta com outra: para que serve a História? Se a História nos serve como um elemento de estruturação, ensinamento, reflexão, entendimento e referência, e se a arquitetura é uma materialização da cultura de uma época; quando se perde um bem histórico, perde-se um pouco da história também. Diria até que se perde um pouco mais, pois a arquitetura tem o poder de criar uma memória emocional (afetiva ou até mesmo repulsiva) que se perde quando ela desaparece. Mesmo que sua história seja preservada por documentos escritos e iconográficos a memória emocional não é preservada. Esta referência sensitiva da arquitetura se perde, e a perda é grande. Sobrevivemos apesar das perdas, mas há efetivamente uma perda.